



Estudo mostra como armas vão parar nas mãos de bandidos

Revólver 38 é a arma mais usada nos roubos e a que mais mata brasileiros. Armas usadas em crimes comuns migram do mercado legal para o ilegal.



Um estudo do Instituto Sou da Paz sobre a origem das armas no país e como elas vão parar nas mãos dos bandidos foi divulgado no programa Bom Dia Brasil nesta quarta e quinta (21 e 22). Um dos dados dessa pesquisa que chamou atenção é que a arma mais usada nos roubos, a que mais mata o brasileiro, é o revólver 38.

Esse resultado é muito preocupante. As armas usadas nos crimes comuns das grandes

idades são nacionais, que migram do mercado legal para o ilegal. O levantamento incluiu 49.248 armas apreendidas em quatro estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

A base das informações foram os boletins de ocorrência. As armas de calibres curtos são as mais apreendidas, 77%. O principal é o revólver calibre 38, com quase 30% e esta é a arma mais usada pelas empresas de segurança no país.

Vamos ver como é o caminho destas armas e como elas chegam às mãos do crime.

“Foi aquela gritaria, já deu o disparo, ‘perdeu perdeu’, aquela gritaria toda, levaram celular, dois coletes, dois revólveres e a ‘12’. Chegou esse indivíduo, que era um bandido, e me levou para a porta giratória; ‘libera, libera, ou eu mato ele agora’. A gente se torna uma presa fácil. Vamos pegar o vigilante, ele não tem 15 dias de curso. Hoje, pela lei, são 20 dias de curso, então você não tem aquele preparo”, diz o vigilante Edson José da Silva.

“Não há preparo, não há treinamento que se possa fazer e não é justo que se peça isso da segurança privada para coibir o crime mais sofisticado, o crime do assalto a banco ou mesmo do carro-forte, ele não está preparado para isso, até porque, com um revólver na cintura, ele nunca vai conseguir impedir ou parar a ação de criminosos mais organizados, com armas com alto poder de destruição”, disse o diretor executivo do Instituto Sou da Paz, Ivan Marques.

A notícia do roubo das armas virou o principal assunto na vizinhança. A empresa vinha funcionando de forma precária por causa de dificuldades financeiras. Para entrar na sala de armas os ladrões praticamente arrancaram uma porta-cofre da parede. Ela foi arrombada. Lá dentro ficavam todas as armas, cada uma em um caixilho de uma prateleira. Os ladrões escolheram. Levaram 507 revólveres, duas espingardas e uma pistola.

“É um absurdo, porque essas armas estão ali prontas para serem desviadas, ou no mínimo não estão sendo guardadas de maneira eficiente o suficiente para evitar que estas armas acabem abastecendo a criminalidade”, afirma Ivan Marques.

Assim que os criminosos entraram, eles já renderam os dois seguranças, que foram amarrados e trancados em uma sala. Eles fugiram pela porta da frente levando 60 armas: 20 espingardas calibre 12 e 40 revólveres calibre 38 que estavam guardados em um armário.

“O problema sério que nós temos é o desvio e perda de armas em enormes quantidades. Quem mais fornece armas para o crime hoje, como elemento isolado, é justamente a empresa de segurança privada. Deveria estar oferecendo segurança e está oferecendo insegurança, fornece mais armas para o crime do que o Paraguai e a Bolívia juntos”, afirma o consultor de segurança José Vicente.

“Essas são armas que nós chamamos aqui de armas de uso permitido, são calibres permitidos. Nós temos aqui um revólver 38, que é uma arma muito padronizada para as empresas de segurança privada, não mais para as polícias. Esse é um revólver que tem mais de três anos de uso, tem mais de 50 mil tiros. Esse aqui é a mesma arma, é um revólver também. Ele é calibre 38, também da mesma marca, só que essa arma tem mais de 50 anos. Isso é para mostrar que um revólver ou um armamento, ele não é produto perecível, é equipamento de longevidade”, relata o especialista em segurança Diógenes Lucca, enquanto apresenta as armas.

“O criminoso elege o revólver calibre 38 de fabricação nacional como o perfil da arma usado prioritariamente nos crimes. O que a gente pode dizer é que o que mata o brasileiro hoje e o que acaba sendo usado para auxiliar o roubo do brasileiro hoje é um revólver de calibre 38 de fabricação nacional”, diz o diretor-executivo do Instituto Sou da Paz, Ivan Marques.

Foi um 38 de fabricação nacional que tirou a vida do analista de sistemas Renato da Silva Medeiros, de 31 anos, em janeiro, em um bairro da Zona Leste de São Paulo.

“Tava’ eu e meu amigo no carro, a gente estava ajeitando as pranchas e o Renato estava no portão. Estavam dois armados e desceram três do carro. Teoricamente, eles iam levar o carro, o celular, dinheiro, as pranchas e a gente ia na delegacia fazer um boletim de ocorrência e mais um dia normal em São Paulo. Seria isso e acabou acontecendo essa tragédia”, relata um amigo de Renato.

“Essa migração de uma arma que nasce legal e acaba no mercado ilegal é o que precisa ser olhado com mais atenção pelas nossas forças de segurança para coibir este tipo de situação, para impedir que estas armas cheguem às mãos dos criminosos”, afirma Ivan Marques.

“Nunca imaginei que eu ia perder o meu filho com 31 anos. De repente eu saio, escuto um tiro, levanto, vou lá fora, está meu filho deitado. Até agora eu começo a pensar e a minha vida parece que não tem mais sentido. A minha luz que tinha dentro de mim apagou”, diz Alcileide Medeiros, mãe de Renato.

O Sindicato das Empresas de Segurança Privada disse que combate a clandestinidade e que todos os vigilantes são treinados por instrutores credenciados pela Polícia Federal.

A Polícia Federal, responsável pela fiscalização, informou que no ano passado aplicou 2,9 mil multas e cancelou os registros de cem empresas e que não há, no sistema, uma ferramenta capaz de medir quantas armas são roubadas das empresas.

Fonte: G1

Fala CNTV

A Confederação Nacional dos Vigilantes (CNTV) vem alertando a Polícia Federal (PF), em todas as reuniões da Comissão Consultiva para Assuntos de Segurança Privada (CCASP) sobre a necessidade de melhorar a fiscalização da guarda de armamentos e munições nas empresas. Casos de roubos estão se tornando frequentes em virtude da fragilidade da segurança e da fiscalização por parte da PF.

Para o presidente da entidade, José Boaventura, a mera autorização da PF para funcionamento de uma empresa, juntamente com sua renovação anual com a emissão de um certificado de segurança, não são suficientes para que as empresas tenham a guarda do armamento em suas sedes. “É indispensável ter um cofre e segurança eficiente em suas bases, algo que inexistente atualmente. É frequente chegarmos a esses locais e constatarmos que

simplesmente não há segurança”, afirmou Boaventura.

Essa é a realidade da maioria das empresas, e ainda com o agravante da falta de segurança para os postos de trabalho (com exceção dos bancos). “Não é só o armamento que é tratado de forma irresponsável. Os vigilantes, seres humanos, passam pela mesma coisa”, completou o secretário Geral da CNTV, Cláudio José.

Os trabalhadores são colocados em situações de insegurança e fragilidade. Nisso, o roubo de arma se torna extremamente fácil exatamente por não haver, por parte da empresa, preocupação em vender serviços de segurança. “Simplesmente vendem mão de obra”, denunciou Boaventura. “Medidas simples como o isolamento do trabalhador por uma guarita para que não estejam acessíveis às pessoas já resolveria parte dos problemas, mas infelizmente não estão dentro das preocupações dos empresários”, afirmou.

Fiscalização precária agrava realidade

A fiscalização da PF principalmente envolvendo as empresas que estão em um processo de dificuldade estrutural e financeira também é um facilitador para a ação de bandidos. É o caso da empresa Sena, em Pernambuco, que foi assaltada em agosto passado. Há cerca de três anos a empresa está em processo de recuperação judicial. “Obviamente não há responsabilidade para guardar armas”, afirmou Boaventura.

“A PF permitiu que ficassem com o arsenal mesmo tendo dado o calote em milhares de trabalhadores, provando que não havia responsabilidade suficiente para guardar armamento em segurança”, lembrou Boaventura. “Enquanto a fiscalização não mudar, ficaremos à mercê”, finalizou.

Fonte: CNTV

A culpa do estupro NÃO é da mulher!

As manchetes principais da grande mídia na manhã desta quarta (21) estão causando polêmicas nas redes e nas ruas. O resultado da pesquisa realizada pelo Instituto DataFolha e encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra que um em cada três brasileiros acha que a culpa é da mulher em caso de estupro. 42% dos homens e 32% das mulheres entrevistadas acham que “Mulheres que se dão ao respeito não são estupradas”.

“O que esperar de uma cultura que não ensina seus homens a respeitar as mulheres?”, questionou a secretária Nacional da Mulher Trabalhadora na CUT, Junéia Martins.

Para Junéia, os números deixam claro a existência da cultura do estupro enraizada na sociedade brasileira. “É uma cultura que culpa a vítima e naturaliza o comportamento do agressor. Muitos não fazem idéia de que sexo sem consentimento ou forçado fazem parte da definição de violência sexual, segundo a Lei 12.015”, complementa.

O termo “cultura do estupro”, segundo a ONU Mulheres, é usado para abordar as maneiras em que a sociedade culpabiliza as vítimas de assédio sexual e torna normal o comportamento sexual violento dos homens.

“O estupro não é culpa da mulher e nem da roupa que ela usa, o problema é estrutural e precisa ser combatido desde a formação dos cidadãos, na escola, em casa, em todos os lugares. Se não ensinarmos nossos filhos e nossas filhas que “NÃO É NÃO”, que o corpo da mulher a ela pertence e ela usa a roupa que quiser e anda por onde ELA quiser estes números só aumentarão”, comenta Mara Feltes, dirigente da CUT e participante ativa do coletivo Nacional de Mulheres na entidade.

Expediente:

Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV

Presidente da CNTV: José Boaventura Santos

Secretário de Imprensa e Divulgação: Geraldo da Silva Cruz

Jornalista: Pricilla Abdelaziz

Diagramação: Anibal Bispo

A pesquisa também levantou a idade dos entrevistados. Os brasileiros com 60 anos ou mais tendem culpar a vítima, enquanto pessoas de 16 e 34 anos que concordam que a mulher é culpada são 23%. “A juventude nos dá uma esperança. Esta nova geração tem mais informações com a internet e talvez as coisas possam mudar”, complementa Mara.

Dados da Central de Atendimento à Mulher - o Ligue 180 (serviço da extinta Secretaria de Políticas para Mulheres), registrou em 2015 cerca de 10 casos de violência sexual por dia, com um aumento de 165,27% no número de estupros em relação ao levantamento anterior, computando a média de oito estupros por dia, um a cada três horas.

A advogada e cofundadora da Rede Feminista de Juristas, Marina Ganzarolli, afirmou que estes números já são alarmantes, mas não são verídicos. “Nós temos um problema grave de subnotificação e na verdade calcula-se que uma mulher é estuprada a cada 12 segundos”.

Para ela o estupro independe da roupa que as mulheres usam, independe da bebida, do local que ela esteja. “O único culpado é o estuprador, é uma ação unilateral. O estupro é a expressão máxima da desigualdade de poder em todas as esferas da sociedade”.

Ganza concorda com Mara e diz que a educação de gênero nas escolas é fundamental para a igualdade de gênero. “Não temos que ensinar as meninas como viver para não serem estupradas, tem que ensinar os meninos a viverem sem estuprarem. Temos que ensinar a eles o que é consentimento: não é NÃO e o silêncio não é sim”.

Fonte: CUT

www.cntv.org.br

cntv@terra.com.br

(61) 3321-6143

SDS - Edifício Venâncio Junior,

Térreo, lojas 09-11

73300-000 Brasília-DF